

SABERES, PODERES, VERDADES: IMBRICANDO RIZOMATICAMENTE GÊNEROS, SEXUALIDADES E E(E)DUCAÇÃO

Cláudia Maria Ribeiro*
Ricardo de Castro e Silva**

Resumo

Este texto, escrito por um homem e uma mulher – não necessariamente nessa ordem – esboça o convite para desmontar o “tripé”, os “três eixos” ditos e escritos pelas palavras: gênero, sexualidade e educação e (res)significar espaços de convergências, divergências, resistências, rupturas e (des)construções imbricando relações de poder entre e inter gênero, sexualidades e E(e)ducação – fazendo coisas com as palavras – que nomeiam, rotulam, classificam, mas também (re)inventam sujeitos (assujeitados?) denominados adultos, educadores, educadoras, alunos e alunas, adolescentes, jovens e crianças.

Palavras-chave: Gênero. Sexualidade. Educação saber/poder/verdade.

“Por isso, atividades como considerar as palavras, criticar as palavras, eleger as palavras, cuidar das palavras, inventar palavras, jogar com as palavras, impor palavras, proibir palavras, transformar palavras etc. não são atividades ocias ou vazias, não são mero palavrório. Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos.”¹

ENGALFINHANDO TRÊS PALAVRAS: GÊNEROS, SEXUALIDADES E E(E)DUCAÇÃO

Os sujeitos transitam pelas relações de poder entre os gêneros – entre homens e mulheres; intergêneros (entre as mulheres e entre os homens). Transitam pelas sexualidades – no plural, para (de)marcar a multiplicidade, isto é, focando na questão desafiadora de que somos diferentes, diversos e múltiplos, como pessoas e, portanto, como homens e mulheres. E por fim, E(e)ducação, para novamente (de)marcar os dois lugares com os quais estaremos dialogando, a Educação como instituição e a educação como processos de ensinar e de aprender; de aprender e de ensinar borbulhando nas cenas do cotidiano da escola.

Gallo (2003) desloca da Filosofia, considerando as contribuições de Deleuze e Guattari, que trabalham com a ideia de minoridade, na obra *Mil Platôs*, publicada em 1980.

Esses autores falam em literatura maior/literatura menor; ciência maior/ciência menor; filosofia maior/filosofia menor; e minha intenção é deslocar essas concepções para o campo da educação, pensando em termos de educação maior e educação menor, de modo a obter mais elementos para refletir sobre o cotidiano da escola (GALLO, 2007, p. 25).

* Profª. Associada do Departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras – MG. ribeiro@ded.ufla.br

** Psicólogo, psicodramatista, mestre e doutorando pela Faculdade de Educação da UNICAMP. rics@terra.com.br

Correlacionar as palavras e as coisas – rizomaticamente – requer operar, também, com o conceito criado por Deleuze e Guattari, no final dos anos 1970, que aponta para as possibilidades de viabilizar conexões. Um rizoma não começa nem conclui; ele se encontra no meio, entre as coisas. Assim, torna-se urgente compreender os processos históricos e sociais de produção de saberes para compreender as possibilidades de organização e produção desses saberes.

Guacira Lopes Louro entrelaça, entretece, engalfinha gênero e sexualidade:

as identidades de gênero remetem-nos às várias formas de viver a masculinidade ou a feminilidade. Por outro lado o conceito de sexualidade é utilizado, nesse contexto, para se referir às formas como os sujeitos vivem seus prazeres e desejos sexuais; nesse sentido, as identidades sexuais estariam relacionadas aos diversos arranjos e parcerias que os sujeitos inventam e põem em prática para realizar seus jogos sexuais (LOURO, 2000, p. 59-75).

Assim, o desafio consiste em (re)pensar corpos ditos e feitos na cultura, os diversos arranjos que os sujeitos inventam mas que, ao mesmo tempo, são descritos, nomeados, veiculados na linguagem através de signos, de dispositivos de controle, de convenções, de limites, de barreiras. E, ao mesmo tempo, os corpos escapam, resistem, transgridem, atravessam fronteiras, navegando nas provisoriedades e câmbios.

Interessa-nos, portanto, viajar, caminhar, explorar, minar, escavar, perturbar palavras que desafiem concepções tradicionais, binárias, dicotômicas dos gêneros e sexualidades também imbricadas com a E(e)ducação para tentar (re)pensar trajetórias para desestabilizá-las e desarranjar certezas. Para tanto, jogaremos com as palavras a fim de anunciar, com inspiração novamente em Deleuze e Guattari, nas discussões que elaboram em torno da ciência nômade, marginal, errante.

Primeira errância – os sujeitos são assujeitados – submetidos – pelos discursos, pelos vários discursos: da Ciência, da mídia, do senso comum, da moral, da ética, da religião, entre tantos. Imbriquem os governos exercidos por múltiplas forças, autoridades que se consideram capazes de vigiar, julgar, com os gêneros. As Ciências Médicas vão trazer o discurso do determinismo biológico nos gêneros mostrando a naturalização das questões. Já estudos avançados e atuais no campo ainda da Ciência, mas das Ciências Sociais, da Antropologia, especificamente do movimento feminista, contrapõem-se a este discurso da ciência médica: homens não são por natureza violentos e mulheres não são por natureza sensíveis. A mídia vai constituir um discurso a partir do corpo, do consumo, da imagem, do modelo ideal. Assim, segue constituindo “identidades” (como devemos ser, onde devemos chegar, o que devemos mudar, entre outras “convocações”). O senso comum e também a escola – lugar de “educações” – constituem-se num produtor de discursos sobre! Sobre os homens, sobre as mulheres, sobre o comportamento dos homens adolescentes e das mulheres adolescentes, das crianças. Sobre, sobre, sobre – nunca com, sempre sobre! A moral, compreendida aqui como as regras comuns a todos e todas que vão atuar na constituição da cultura, vai constituir os discursos do certo, do errado, do adequado, do anormal, num movimento classificatório, hierárquico e excludente. Por fim, a Ética, como sendo a relação de si consigo mesma, que Michel Foucault (2006) apresenta em sua obra *A Hermenêutica do Sujeito* vai problematizar esse sujeito “assujeitado” por este universo de discursos para alçar possibilidades para as singularidades e multiplicidades de homens e mulheres no seu percurso da construção contínua e não linear do modo de ser homem e de ser mulher.

Segunda errância – construímos ao longo de nossas vidas nossa história única, contínua e não linear como homem e como mulher. E nunca chegaremos ao que somos como homens e como mulheres porque este lugar da

chegada não existe. Esta afirmação convida a você leitor e leitora a (re)ver – ver de uma outra forma – um conceito central de identidade masculina e feminina que principalmente a Psicologia constrói em seu discurso científico.

Por muito tempo o conceito de identidade sexual predominou nos discursos sobre gênero, como algo que determinaria como os homens e as mulheres são, principalmente delimitando territórios (coisas de menino, coisas de meninas); produtos, falas, escolhas e portanto determinando vidas. Isto vem sendo “desmontado” e o lugar que gera este processo é exatamente o campo de aproximação entres os dois “polos”. O movimento que vai aproximando o mundo dos homens e o mundo das mulheres consiste em homens e mulheres que mostram as contradições deste campo “bipolar”. Homens e mulheres estranhos, esquisitos, diferentes, que nos fazem incapazes de classificá-los: “mas afinal é homem ou é mulher?” E as classificações promovem as nomeações: Se é um homem que sente tesão por outro homem então será chamado de homossexual e, a partir deste momento, perde sua nomeação como homem. Será um gay, um veado, um... mas não mais será denominado: homem. Assim como a mulher que se dedica a seus filhos, que se realiza nas atividades da casa, será chamada de “do lar”, “amorosa”, “super mãe”, uma “grande mulher” e muito pouco será vista como mulher, sexuada, desejante e desejada.

Outra concepção a desorganizar, desmontar, desconstruir é a de que, na adolescência, se define a “identidade sexual”, esperando com isto definições para o resto da vida, principalmente se “serão ou não homens ou mulheres” e que “homens e mulheres serão?” Será que, de fato, alguém, alguma pessoa um dia poderia responder tal questão? Você, leitor ou leitora poderia afirmar, com certeza, que homem ou que mulher você será durante toda a sua vida? São de fato perguntas sem respostas e que, portanto, só nos incitam a perguntar e confirmar a única certeza: a de que não temos certezas para responder a esta questão.

Terceira errância - a vida, denominada de humana, é devir, na palavra de Larrosa é porvir:

Com a palavra porvir nomearei nossa relação com aquilo que não se pode antecipar, nem projetar, nem prever, nem predizer, nem prescrever; com aquilo sobre o que não se pode ter expectativas; com aquilo que não se fabrica, mas que nasce – se entendemos, com Maria Zambrano, que “o que nasce vai do impossível ao verdadeiro; ou se entendemos, com Hanna Arendt, que o nascimento tem a forma do milagre; com aquilo que escapa à medida de nosso saber, de nosso poder e de nossa vontade (LARROSA, 2001, p. 286. In: LARROSA E SKLIAR, 2001).

Também nas questões de gênero, sexualidade e educação o porvir é possibilidade de experimentar potências. Na educação (agora e) dificilmente poderemos afirmar o que de fato fez com que alguém aprendesse algo. São tantas as possibilidades e seus cruzamentos aumentam sua “Infinitude”. O devir/porvir penetra no campo de contradições, de resistências, de desistências, de aglutinações, de desaglutinações:

Somente um pensamento intempestivo, ativo, a brotar do presente, dessa bruma que o envolve, é capaz de invenção, de liberar devires cujas linhas – múltiplas e errantes – inventam fugas e derivas, confrontando com um sistema pontual (GODOY, 2008, p. 53).

Quarta errância – a escola: lugar da Educação mas também da educação – maior e menor – onde, nem tudo que se ensina, se aprende e, ao contrário, muito se aprende em outros lugares, em outros espaços, além da sala de aula.

Na maioria das vezes define-se também como objetivo da escola: socialização de crianças e adolescentes. Mas, se formos entender socialização como entrada no mundo, contato com o mundo existente além dos muros da família, a escola muitas vezes não cumpre esta função. Porém, outras muitas vezes, esta socialização é vista e implantada como “adequação social”, isto é, aprendermos a viver em sociedade. Problematizar essa “adequação” interessa-nos muito de perto. Adequação à rigidez do ser homem, do ser mulher.

Rizomaticamente, gênero, sexualidade e educação vão produzir ou serão produzidas por um sujeito específico, um sujeito da diferença; o diferente, o esquisito, o anormal (que sai da norma). Michel Foucault (2001) em sua obra *Os Anormais* nos apresenta o processo não linear da constituição do sujeito anormal, que passa a ser objeto de estudo e, portanto, discurso das Ciências Empíricas e das Ciências Humanas. O campo da anormalidade vai sendo constituído pelo aparecimento do sujeito perigoso – o atual delinquente no discurso jurídico; o sujeito descontrolado, o atual indisciplinado, no discurso médico; o sujeito masturbador, o atual depravado, no discurso médico e pedagógico. A prática do exame, da observação contínua, dos registros, dos diagnósticos, do panoptismo como sistema moderno de controle que constitui até a própria arquitetura de forma que poucos controlem muitos. Já imaginaram uma escola com vários portões de entrada? Seria inimaginável? Esse procedimento faria perder o controle que oferece um portão por onde todos e todas passem e possam ser olhados, observados, registrados, conferidos e rotulados: o que “pode” e o que “não pode”. Ainda em *Os Anormais*, Foucault enfoca a cultura da disciplina como tática eficiente de controle.

Mas o que tudo isto tem a ver com nosso campo de discussão? Avancemos um pouco mais problematizando a figura do anormal que desponta, aponta, destitui verdades/sabedorias/certezas e constitui estranhezas que não são possíveis de serem grafadas em palavras. Os anormais nas novas construções de gênero, de sexualidades – nasci homem, transformei meu corpo num corpo de mulher e desejo outra mulher; sou uma travesti que amo e transo com um homem masculino que pede que eu o penetre... afinal o que somos??? Somos bons amantes!

Cotidianamente a educação – menor – muitas vezes resiste à Educação – maior. Em algumas escolas, alunas travestis brasileiras vão conseguindo o direito de serem chamadas e registradas nos documentos oficiais pelo seu nome como verdadeiro, como travesti. O poder

exercido pelo anormal, pelo esquisito, pelo diferente é potencial e, portanto, perigoso para uma determinada ordem estabelecida. Na escola estas diferenças, muitas vezes, provocam reações que buscam a manutenção da “normalidade e tranquilidade”.

Muitas vezes, a Educação Sexual, ao invés de questionar valores, crenças e costumes, tem servido para adaptações e readaptações do que foge à normalidade. Perguntamos: qual seria, de fato, um trabalho de Educação Sexual? Seria garantir que as diferenças pudessem permanecer e, como tal, frequentar a escola? Outra pergunta: qual escola? A que elenca regras para que as alunas travestis “possam” frequentá-la: roupa adequada, comportamento adequado, não seduzir os homens alunos, não frequentar o banheiro das mulheres alunas e nem dos homens (se possível não ir ao banheiro!), respeitar os professores (principalmente os homens) e responder chamada pelo seu nome “verdadeiro”, ou seja, o registrado em seu RG. Regras para o namoro, se e quando permitido entre duas mulheres alunas e dois homens alunos.

Essa “Educação Sexual” implica em que a escola passe a ser o lugar da confirmação e fortalecimento de relações racistas. Racistas enquanto o exercício do poder de forma fascista (o prazer extremo pelo poder extremo) que outorga à determinadas pessoas o direito de submeterem outras pessoas aos seus desejos e as suas ordens, utilizando diferentes formas de ridicularização pública do outro tais como risadas, apelidos, ameaças físicas e morais, agressão física e moral, constrangimento, desqualificação, entre outras formas de violência.

Há um exemplo muito frequente no cotidiano escolar que começa na educação infantil. As educadoras consideram natural que, desde pequenos, os meninos comecem a agredir, em pequenas e contínuas ações repetitivas – batem, chutam, rasgam, ridicularizam os seus diferentes – os meninos “que ficam com as meninas”. No cotidiano da escola, na correria da escola, e no “massa/crante” trabalho repetitivo de sala de aula, estas cenas

cotidianas de violência vão se naturalizando e permanecendo, com diversas formas de autorização, iniciadas pela permissão na não advertência e na exigência da mudança. “não temos tempo para tanto na escola”. Larrosa vai nos apontar que exatamente o tempo e o espaço são duas questões centrais retiradas do cotidiano escolar para que não consigamos educar e sim socializar alunos e alunas no sentido de “adequação para...”

[...] a experiência é cada vez mais rara, por falta de tempo. Tudo o que se passa, passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa. E com isso se reduz o estímulo fugaz e instantâneo, imediatamente substituído por outro estímulo ou por outra excitação igualmente fugaz e efêmera. O acontecimento nos é dado na forma de choque, do estímulo, da sensação pura, na forma da vivência instantânea, pontual e fragmentada. A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos. Impedem também a memória, já que cada acontecimento é imediatamente substituído por outro que igualmente nos excita por um momento, mas sem deixar qualquer vestígio (LAROSSA, 2002, p. 23).

Porém – como sempre há um porém – ou, pelo menos, seria possível um porém, como possibilidade de uma nova escrita, de novas relações de educação, hoje vivemos e convivemos com reações sociais perante estas formas fascistas (desejo pelo poder) e imposição de ideias, padrão de comportamento normativo (quem seria normal e quem não seria). Os movimentos de organização social vêm demonstrando sempre a sua força e capacidade de mudança de leis, normas e condutas. Hoje temos várias conquistas como a Lei Maria da Penha (punição perante a violência doméstica contra mulheres), A Discriminação Racial, o movimento para aprovação da Discriminação por Orientação Sexual, entre outros. Porém, os “menos marginais” não têm uma organização por terem em sua formação uma forte vertente da individualidade como valor supremo produzindo com isto um individualismos muitas vezes

generalizados em vários aspectos, impedindo qualquer forma de coletividade, de solidariedade.

Hoje podemos dizer que se instalou na escola, e não apenas por uma questão do seu entorno ou de “comunidades violentas”, uma cultura da violência, de exercício de poder entre adultos, crianças, adolescentes e jovens, de forma desigual, autoritário, algumas vezes fascista, que promove uma hierarquia do mais forte ao mais fraco e estes papéis ou lugares são ocupados por todos e todas em diferentes momentos. Paralela a esta situação, neste campo de relações também vai ocorrer que a escola é vista como um dos últimos lugares de socialização, de relações, de aproximações, de encontros e desencontros, como na vida.

Como seria se a escola assumisse esta função social sem culpa e sem receio focando nas relações de gênero, sexualidades e educação? Se a escola pudesse de fato ser um lugar de experiências de gênero, de vivência de situações de prazer consigo mesmo e com o outro e de uma participação efetiva de adolescentes e jovens nas críticas, nas propostas de mudanças e na efetivação das mesmas. Pertencimento, respeito, solidariedade, espaços coletivos, possibilidades de ficar e estar juntos (talvez sem nada, ou tudo, fazer), convivência com as diferenças (homens e mulheres são diferentes), com as diversidades (existem infinitas formas de ser homem e de ser mulher) e suas multiplicidades (todos nós somos infinitas possibilidades ao mesmo tempo), numa vivência possível do prazer, consigo mesmo e com o outro (encontros, aproximações, desejos, demonstrações) e processos contínuos de aprendizagem com o novo.

Perguntamos: esta seria uma escola possível? Negando a missão de classificação, nomeação, estratificação, normatização, entre outros? O cotidiano sempre nos revela que escolas que em alguns momentos se aproximam desta possibilidade vão constituindo-se não violentas e escolas distantes desta possibilidade se caracterizam e são nomeadas como violentas.

No campo das violências é preciso sempre dizer, em todas as possibilidades – e esta aqui é uma – de que o aumento de violência sexual contra crianças, adolescentes e jovens vem crescendo e muito em nossa realidade brasileira. Hoje temos o envolvimento de mães em situações de violência sexual, a inclusão dos meninos como violentados e a presença assustadora revelada pelas pesquisas, do homem como o violentador. Claro que não precisamos afirmar, mas mesmo assim o faremos, de que necessariamente este quadro é desenhado e mantido pelas questões de poder entre e inter gênero, pelo exercício autoritário e fascista de poder, pela negligência de instituições no desempenho da defesa e proteção de crianças, adolescentes e jovens. Podemos dizer hoje, perante os números de morte e de violência contra a população não adulta deste país, que fracassamos enquanto geração na garantia de vida da geração que nos sucede. Estamos matando crianças, adolescentes e jovens de diferentes formas, todos os dias. Por que fazemos isto? Qual seria nosso prazer e nosso alívio?

Outro fio puxado nesse emaranhado que entrelaça gênero, sexualidade e E(e)ducação: aproximação da morte mas também da vida, da vontade de viver, do tesão pela vida, produzido pelo prazer que se tem em viver (ou não). Estamos falando, portanto na sexualidade, sob o olhar da psicanálise que nos revela esta questão do desejo de viver e do desejo de morrer. Como que este pêndulo, ao longo de nossas vidas vai constituindo alguns de nossos roteiros, nossos caminhos. As questões postas a partir dos conceitos de inconsciente, libido, desejo, repressão, deslocamentos, vão nos possibilitando algumas compreensões e confirmando algumas lacunas que toda e qualquer teoria nos deixa. Também aqui, Sigmund Freud não vai nos colocar na situação confortante e protetora de tudo resolver e com isto poderemos nos acalmar e nos aquietar. Porém, como seres humanos não nos cabe aquietar, pois a própria humanidade é constituída por esta eterna busca, sem fim.

De Freud passamos à Foucault e nele encontramos o conceito de dispositivo e a sexualidade vis-

ta, apresentada como um dispositivo. Um dispositivo de controle dos corpos e controle para a formação de um sujeito que produz. Portanto, chegamos a uma das questões cruciais: a formação do sujeito produtivo, como fator central em nossa cultura ocidental. E mais uma vez, outro fio puxado, apontando para uma ligação intrínseca entre o tema da produtividade e as relações de gênero, sexualidade e educação.

A masculinidade e feminilidade, muitas vezes, delimitada pelo grau de produção ou não; da qualidade ou não, de nossa produção pessoal e social. Ser homem ainda está ligado à sua potencialidade de produção. Produzir prazer, produzir produtos, produzir uma renda que tenha poder de compra. Poder de compra, poder de produção de prazeres. O movimento contrário seria: uma incapacidade e produção, uma incapacidade de produzir prazer e de produzir produções.

Também a sexualidade estará necessariamente ligada ao sistema de produção. Produção de orgasmo, produção de prazer para o outro, produção do corpo erógeno, sensual, belo, produtivo. E quem não produz? Quem não é tão capaz ou passa a ser não tão capaz como? Não tão sensual? Não tão bonito/a? Não tão viril? Os adolescentes vão dizer que homens que são penetrados por outro homem são bichas, “viados”, porque viram mulheres pois recebem a virilidade de quem penetra, isto é, do homem que penetra. Homem que dá não é viril, vira bicha.

Em meio a tantas errâncias, as palavras dizem e também criticam que, as produções, as produtividades, as potências, as virilidades estão sempre interligadas e são mantenedoras destas relações desiguais de poder. E aqui retomando Foucault, podemos dizer da função mantenedora das relações desiguais de poder que a estratégia da disciplina estabelece, cristaliza, fortifica e distancia inclusive homens e mulheres da igualdade de seus direitos. Como seria possível sermos iguais perante os direitos se somos constituídos por uma cultura da disciplina que classifica e hierarquiza, a todo tempo, relações e pessoas?

E, por fim, mas sempre sabendo que não tem fim... a entrada também da educação na Educação como fator de manutenção deste sistema de produção. Os que não aprendem, os que não obedecem, os que não conseguem “tão bem”, os que conseguem “mais ou menos” e os que “nunca conseguem”. Classificações de pessoas, registros destas classificações, diagnósticos destas situações de “fracasso”, continuando a cultura do impotente; a família incapaz, o pai que abandonou a família e a mãe “que já tem outro homem”, “incapaz de manter a dignidade”, dignidade burguesa.

Uma questão de gênero que demarca hoje a vida de homens e mulheres adolescentes e jovens neste país, marca e demarca números desiguais no que se refere à morte e aos internos na Fundação Casa (sistema prisional de adolescentes e jovens). O ministério da Saúde hoje nos apresenta o dado da relação de 12 homens jovens para cada 1 mulher jovem que morrem por violência e a população carcerária dos sistemas prisionais são quase exclusivamente de homens adolescentes e jovens. Então, nós, atual geração de adultos, estamos matando adolescentes e jovens e matando muito mais homens adolescentes do que mulheres adolescentes/jovens.

Quando falamos que o sistema prisional é o final da linha “de montagem” do marginal, delinquente, etc, etc, e quando entramos neste sistema e convivemos com suas estruturas e contradições, convivemos com cenas de extremo controle dos corpos e ao mesmo tempo resistências e “escapes”. Isto nos faz registrar nossa última errância, nos faz puxar um último fio nesse movimento rizomático, pelo menos neste texto; a de que por mais que o poder seja exercido de forma autoritária e fascista, sempre os escapes e resistências acontecerão. Não há sistema totalitário de contenção dos corpos, a não ser a própria morte. Mas mesmo a morte, em seu silêncio barulhento, no acúmulo de números que denunciam, falam, gritam suas próprias mortes. A denúncia das mortes, das repetências, das delinquências de adolescentes e jovens só nos revela – enfim – nossos fracassos.

Retornando às cenas iniciais de relações de gênero na escola, onde meninos e meninas são tratados de forma diferente por nós que ainda utilizamos os discursos da naturalização e da generalização para justificarmos nosso próprio fracasso. Meninos são como são e por ser menino.....ah...já sabemos como são! Definições que vão fixando, pregando pessoas a lugares: de forte, de fraco, de capaz, de incapaz, de viril, de pouco viril, de muito viril. Lugares estes que matam; matam principalmente a possibilidade do novo que a diversidade e a multiplicidade dos gêneros, das sexualidades e das diferentes formas de educação poderiam nos possibilitar e que ainda nas pequenas e cotidianas relações nos garantem vivos...

Será que saberemos dizer – porém – até quando?

KNOWLEDGES, POWERS, TRUTHS: SUPERPOSING GENDERS, SEXUALITIES AND EDUCATION IN A RHIZOMA WAY

Abstract

This text was written by a man and a woman – not necessarily at this order – and it invite us to disjoint the “tripod” gender, sexuality and education, and to give new meanings to the spaces of convergences, divergences, resistances, ruptures and disjunctions, superposing power relations inter and intra gender, sexualities and education. These are relations that denominate, ticket, classify, but also invent again the subjects called adults, educators, students, teenagers, youngs and children.

Keywords: Gender. Sexuality. Knowledge/power/truth education.

NOTAS

¹ Notas sobre a experiência e o saber da Experiência, Jorge Larrosa Bon-día (Conferência proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas, traduzida e publicada, em julho de 2001, por *Leituras SME*; Textos-subsídios ao trabalho pedagógico das unidades da Rede Municipal de Educação de Campinas/FUMEC.

REFERÊNCIAS

GALLO, Sílvio. Acontecimento e Resistência: educação menor no cotidiano da escola. In: CAMARGO, Ana Maria Faccioli de e MARINGUELA, Márcio. *Cotidiano Escolar*. Emergência e Invenção. Piracicaba: Jacintha Editores, 2007.

FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*; edição estabelecida sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana, por Frédéric Gros; tradução Márcio Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail. 2ª. edição. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (coleção tópicos).

_____. *Os anormais*: curso no Collège de France (1974-1975); tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (coleção tópicos).

GALLO, Sílvio. *Deleuze & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GODOY, Ana. *A menor das ecologias*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

LARROSA, Jorge e SKLIAR, Carlos (Org.). *Habitantes de Babel*: políticas e poéticas da diferença; tradução de Semframis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução: João Wanderley Geraldi. In: *Revista Brasileira de Educação*. Jan/fev/mar/abril 2002. no. 19.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, Escola e Identidade. In: *Educação e Realidade*. V. 5 (2) p. 59 – 75. jul dez 2000.